

DA *DECIFRAÇÃO*
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação

Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais
IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

A DIFICULDADE COMO MÁSCARA RETÓRICA

Isabel Barros Dias
(Universidade Aberta)

Na *General Estória*um dos textos historiográficos produzidos no *scriptorium* afonsino, podemos encontrar o seguinte excerto, no âmbito da narrativa dos trabalhos de Hércules, mais concretamente acerca da sua incursão no jardim das Hespérides:

E desde ovo vencido al rey Anteo, vino a estas duennas, e aprendió delias el arte de las estrellas e de las otras artes del quadriuuio, e todo lo mas de quanto ellas sabian: e otrosi de la retorica, que es el arte del fablar apuesta mente, e de las otras artes del triuiuõ donde sabian ellas mucho. E por estos saberes que leuo delias dixieron los gentiles en sus fablas que les leuara las mançanas del oro que avien en su huerta: ca los sabios de los gentiles dixeron a los saberes mançanas de oro, por que son cosa preçiada e de que se pagan los omnes commo de fermosa fruta e buena. [...]

Por el dragon que guardaua aquella huerta de las esperiadas dize maestre Johan e otros que se entiende el gran estudio en que vela el estudiador commo aquel dragon que non durmie, por que vençio Ercules e alcanço aquellos saberes. (GE: II, 2/2, 30b)

- Este projecto, de dimensões extraordinárias, ficou inconcluso antes sequer de entrar na Era Crista (VI Parte). Para uma listagem dos trechos desta obra já editados ver Inés Fernández-Ordóñez, "Antes de la *collatio*. Hacia una edición crítica de la *General Estoria* de Alfonso el Sabio (segunda parte)", Aengus Ward (ed.), *Teoría y práctica de la historiografía hispánica medieval*, Birmingham, The University of Birmingham Press, 2000, pp. 124-148 (pp. 142-43). Para o presente estudo foram usadas as seguintes edições: Alfonso el Sabio, *General Estoria, Primera Parte*, Antonio G. Solalinde (ed.), Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1930 (daqui em diante GE: I) e Alfonso el Sabio, *General Estoria, Segunda Parte, I - II*, António G. Solalinde, Lloyd A. Kasten e Victor R. B. Oelschlager (eds.), Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto "Miguel de Cervantes", 1956 e 1961 (daqui em diante GE: II, 1/2 ou 2/2).

IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 223-233.

A noção que o saber é um bem precioso e, por isso, alcançá-lo não pode ser fácil é um dos lugares comuns mais difundidos não só no período medieval mas até aos nossos dias. Existe uma tradição de referências mais ou menos metafóricas aos obstáculos que surgem no caminho da Sabedoria, dificultando-o e fazendo com que o seu calcorrear seja árduo e penoso. No entanto, e, paradoxalmente, é fácil verificar que inúmeras obras procuram divulgar e explicitar os significados ocultos dos mais variados textos, dando assim "graciosamente" o que deveria ser alcançado com grande esforço. O excerto da história de Hércules constitui um bom exemplo deste procedimento paradoxal pois não só nos dá uma imagem das dificuldades ou dos perigos que rodeiam o alcançar do Saber como também se apresenta como um exercício de exegese.

Esta contradição, bastante frequente na literatura medieval, pode ser ilustrada a partir de textos historiográficos, nomeadamente os afonsinos (tanto da *Estória de Espanna* como da *General Estória*) e os pós-afonsinos². Estes casos concretos são interessantes porque as explica-

² Para esta obra foi aqui considerada a versão editada por Ramón Menéndez Pidal como *Primera Crónica General de España*, Madrid, Gredos, 1977 (daqui em diante PCG). Saliente-se, no entanto, que esta edição se baseou em dois manuscritos compósitos onde intervieram diversas mãos em épocas distintas. No entanto, o seu trecho inicial (até ao cap. 616) consiste na "versão régia" afonsina, ou seja, o texto aprovado pelo soberano como "oficial" aquando da redacção da primeira versão da *Estória de Espanna*. Cabe ainda referir que, actualmente, a crítica reconhece, em termos genéricos, duas versões afonsinas da *Estória de Espanna*, a "versão primitiva" (cerca 1270-74) e a "versão crítica" (cerca 1282-84). Estas versões foram posteriormente combinadas das mais variadas formas, abreviadas, ampliadas, adaptadas, traduzidas e entrecruzadas com novas fontes ou com trechos de fontes já usadas mas anteriormente desprezados, dando origem a uma família textual enorme e extremamente complexa. Sobre estas questões ver Diego Catalán, *De Alfonso X al conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962 e, mais recentemente, *idem*, *De la silva textual al taller historiográfico alfonsi - Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1997 e *idem*, *La Estória de España de Alfonso X - creación y evolución*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1992. Ver ainda Inés Fernández-Ordóñez, *Versión Crítica de la Estória de España*, Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1993, bem como a útil síntese: *idem*, "La transmisión textual de la "Estória de España" y de las principales "Crónicas" de ellas derivadas", *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*, Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2000, pp. 219-260.

³ Será aqui considerada, em particular, a *Crónica de 1344* na sua segunda redacção, texto editado por Luís Filipe Lindley Cintra: *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, I.N.-C.M., 1951-1990 (daqui em diante 1344b). Também será aduzida a *Crónica Abreviada* de don Juan Manuel. Para este texto foi usada a edição de José Manuel Cacho Bleuca: don Juan Manuel, "Crónica Abreviada", *Obras Completas*, II, Madrid, Gredos, 1983, pp. 507-815 (daqui em diante CrAbr). Sobre este último texto ver Diego Catalán, *La Estória de España de Alfonso X - creación y evolución*, Madrid, Fundación

ções que integram a narrativa são, frequentemente, usadas para servir objectivos bastante pragmáticos.

Estes textos, sendo historiográficos, não se limitam a secas enumerações de datas e de acontecimentos. Pelo contrário, delicias-se, com alguma frequência, em digressões que apresentam uma grande variedade de possibilidades no que respeita à integração de trechos de carácter exegetico. Podemos aí encontrar, por exemplo, explicações de fenómenos estranhos, caso do excerto onde Fernão Gonçalves sossega os seus homens com as explicações que lhes fornece⁴:

Et desde ennochecio uieron una serpiente yrada que uenie por el aer sangrienta et como rauiosa, et daua tan fieros siulos, que non ouo y ninguno que non fuesse espantado; et tan grandes fuegos echaua por la boca, que todos los de la hueste se ueyen unos a otros. Et espertaron al conde que yazie durmiendo; mas quando el fue espierto et leuantado, passada era aquella serpiente. Et el conde quando se leuanto, uio todo su pueblo muy espantado de aquella uision que uieran, ca tenien que era sennal de ser uençudos. El conde, quando lo sopo et lo entendió, mando llamar a todos los de la hueste et dixoles assi: "Amigos, los moros son omnes que saben muchos encantamientos, et llaman los diablos con sus espiramientos que fazen; et algún moro astroso que sabe fazer estas cosas, fizo aquella uision uenir por ell aer por espantarnos con esta arteria. Mas uos, como sodes omnes entendudos, bien deuedes saber que el diablo non nos puede fazer ningún mal, ca le tollo el poder Nuestro Sennor Jhesu Cristo. Et nos acomendémosnos a aquel sennero Dios que fizo todas las cosas del mundo et que es poderoso de dar et de tólier a quien el quiere, et non demos nada por tales cosas. (PCG: II, 402a-b)

Também é possível deparar com explicações de sonhos, caso da decifração do sonho de D. Sancha que, na segunda redacção da *Crónica de 1344*, anuncia a chegada de Mudarra, o herói vingador daquela narrativa⁵:

Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid, 1992 (cap. IX: "Don Juan Manuel ante el modelo alfonsí: el testimonio de la *Crónica Abreviada*", pp. 197-229).

⁴ Para dar mais alguns exemplos podemos referir a forma "positiva" como Fernão Gonçalves explica aos seus homens o facto de um dos seus cavaleiros ter sido engolido pela terra, anulando, deste modo, interpretações mais derrotistas do fenómeno (PCG: II, 394b-95a). Outra situação, onde também se verificam interpretações contraditórias surge na narrativa da história dos "sete infantes de Lara / Salas" aquando do confronto entre a correcta leitura que o aio Munho Salido faz dos agoiros (PCG: II, 436a-b) e as explicações de Rui Vasques, marcadas pelas intenções traiçoeiras do seu autor (PCG: II, 437a-b).

⁵ É possível encontrar mais situações onde os sonhos são desvendados e essa interpretação se realiza, como seja na história de Júlio César, quando este se encontra

- Senhor, sabede que, agora cõtra a manhã, eu sonhava como eu e vos siamos ã hũa muy alta serra e eu via viir de contra Córdova hũu açor voando. E pousavame ãna mão e abria suas aas; e a my semelhava que era tam grande que a soombra delle cobrya a my e vos. E levantara-se voando e hyasse pousar enno ombro de Roy Vaasquez, o treedor, e apertavao tam fortemente cõ as mãos que lhe tirava ho ombro do corpo. E a my parecia que per elle corryã rios de sangue; e eu punha os gyolhos em terra e bevy do sangue delle.

E entom deu hũu suspiro dom Gõçallo e disse:

- O sonho que sonhastes seera verdadeiro, ca de Cordova verra algũu de nosso linhagẽ que, como nos o açor cobrya das aas, assy nos cobrira de muyta honrra; e averemos em elle grande emparamento e defenssom. (1344b: III, 156-57)

A própria adivinhação pode ser explicada como o resultado de um saber enorme que permite a interpretação de sinais inacessíveis ao comum dos mortais, como sucede com o rei Rotas que, dada a sua sabedoria, parecia adivinhar o futuro:

[...] un rey que auie nombre Rocas, y era de tierra doriente a la parte que llaman Eden, alli o dizen las estórias que es el parayso o fue fecho Adam; e tan grand sabor ouo este rey daprender los saberes, que dexo todo so regno e quanto auie, e començo dir duna tierra en outra, parando mientes a aquellas cosas por que podrie mas saber, assi que fallo en una tierra entre orient e cierço, setaenta pilares: los treynta eran da latón e los quaraenta de marmol, y yazien en tierra, e auie escriptas letras en derredor en que yazien escriptos todos los saberes e las naturas de las cosas e cuerno sauien dobrar; e Rocas quando los uio, catolos e trasládolos todos, e fizo ende un libro que traye consigo, por o adeuinava muchas cosas de las que auien de seer, e fazie tan grandes marauillas que los que lo ueyen tenien que fazie miraglos; e por end uinie toda la gent a el, de manera quel cuytauan tanto, que fuxo ant ellos. (PCG: I, 12b-13a)

Mas é, sobretudo, com as narrativas provenientes da mitologia greco-latina que mais se faz sentir a necessidade de explicações. Estas derivam das fontes usadas para a narrativa dos períodos mais Antigos. A manutenção desses trechos de cariz predominantemente exegético e evemerista sugere que se trata de textos que não eram tidos como dispensáveis. Pelo contrário, a narrativa dos mitos Antigos parece exigir o seu acompanhamento didático, a sua "normalização", ou seja, a sua redução

em Sevilha (PCG: I, 9 - cap. 6) ou quando o rei de Toledo sonha com a conquista da sua cidade pelo futuro Afonso VI (PCG: II, 504 - cap. 827).

a causas naturais, desconstruindo, desta forma, qualquer antagonismo relativamente à religião cristã.

O trabalho hermenêutico actualiza-se, assim, em exegeses que podem ser alegóricas (no sentido mais acentuadamente medieval do termo)⁶:

e fizieron ende sus libros en que pusieron razones estrannas e maravillosas e de solaz, mas non que acuerden con estória menos de allegorias e de otros esponimientos; (GE: I, 369a)

As mesmas podem, igualmente, surgir com o seu sentido actual, mais comum, exemplificável pelo seguinte excerto:

Otros ennadieron aun, e entraron mas entendudamientre por ella e dicen assi: que Phorco quiere dezir pesadumbre e flaqueza de coraçon, et que el coraçon flaco siempre anda espantado; et Stenio, aquella su fija de Phorco, quiere otrossi dar a entender tanto como flaqueza; e Euriale, ancheza e cosa fonda o cuedar muchas cosas e non seer estable en ellas, e desto uiene desesperar; et Medusa, tanto como oluidança de bien. Et assi como Phoco ouo estas tres fijas: Stenio, et Euriale, et Medusa, assi el coraçon del pavor a estas tres cosas: flaqueza de coraçon, e desesperança de las cosas, e oluidança de bien que nasce de la flaqueza e de la desesperança. (GE: II, 1/2, 278b)

Podem, ainda, surgir explicações mais marcadamente evemeristas como, por exemplo⁷:

- Entenda-se aqui "alegoria" como um dos níveis da leitura exegética. Consiste numa interpretação de tipo metafórico onde, em termos gerais, uma narrativa é aceite e entendida como figurada, dizendo uma coisa mas significando outra, assimilável esta última a verdades superiores a descortinar. Sobre o entendimento da alegoria durante o período antigo e medieval, ilustrado com citações de definições dadas por diversos autores, ver Martin Irvine, *The Making of Textual Culture. 'Grammatica' and Literary Theory 350-1100*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, pp. 230-31 ou 244-271.
- Referimo-nos aqui à variante da personificação alegórica: "Uma variante da realização da alegoria é a "personificação" (*fictio personae*, [...], *prosopopoeia*; [port, *prosopopeia*]), que consiste na introdução de coisas concretas [...], assim como de noções abstractas e colectivas [...], como pessoas que aparecem a falar e a agir [...]." Heinrich Lausberg, *Elementos de Retórica Literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 251.
- Sobre este assunto, ver Isabel de Barros Dias, "Le Duel des Géants", Rosanna Brusegan, Alessandro Zironi, Anne Berthelot e Danielle Buschinger (eds.), *L'Antichità nella Cultura Europea del Medioevo*, Greifswald, Reineke-Verlag, 1998, pp. 195-205. São aqui aduzidos vários exemplos de etimologias explicativas, nomeadamente evemeristas, bem como casos de racionalização de narrativas mitológicas em metatextos hermenêuticos feitos de explicações mais ou menos naturais ou verosímeis de tom meio metafórico, meio alegórico. Cabe ainda referir que os exemplos de procedimentos de

Onde fallamos que dizen enel latin Deus por nuestro sennor Dios, e que non a otro quello sea nin a quien este latin digan con derecho si non a El solo; déos dezimos otrossi en latin por los dioses délos gentiles, que nin son dioses nin lo fueron, mas que fallamos que fueron omnes buenos poderosos e mas sabios quelos otros al su tiempo; diuos dizen otrossi los latinos por dioses, mas estos son dichos por los emperadores e por los reyes, que son sennores e dioses délos otros omnes enel mundo en uez de Dios (GE: I, 409b-410a)

Trata-se, aqui, da aplicação ao fundo cultural greco-latino das fermentas que, em tempos mais recuados, eram consideradas apanágio do estudo dos textos bíblicos⁹. São procedimentos que vêm na sequência,

desmistificação expostos neste artigo se reportam exclusivamente às narrativas da história de Hércules.

⁹ Enquanto que o sentido dito "histórico", considerado o nível mais simples de leitura e de análise, seria o mais conforme à realidade dos acontecimentos narrados, os restantes sentidos já conferem ao discurso outras dimensões. Em termos genéricos, o sentido alegórico, apoiado, regra geral, no método tipológico, procurava estabelecer relações entre as cenas do *Antigo* e do *Novo Testamento*. A finalidade do sentido tropológico era, a partir da realidade visível, descortinar verdades morais superiores. Já o sentido anagógico, indo um pouco mais além, partia, igualmente, da realidade mundana mas que agora era entendida como representação das realidades celestes e da vida futura. De salientar, ainda, como esta organização pode variar, seja na ordem, seja no número dos seus elementos, podendo apresentar fórmulas tanto triplas como quádruplas. Sobre estes assuntos, ver a obra clássica de Edgar de Bruyne, *Études d'Esthétique Médiévale*, Paris, Albin Michel, 1998, vol. I, pp. 682-3 ou, ainda, o estudo monumental de Henri de Lubac, *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'écriture*, Paris, Aubier, 1959 (I Parte, I e II), 1961 (II Parte, I) e 1963 (II Parte, II) que refere múltiplas formulações, evoluções, mutações e arrumações que esta estrutura exegética apresentou. O sentido literal ou histórico é abordado, sobretudo, na I Parte, II, pp. 425-487 (cap. VII), onde é igualmente relacionado com a historiografia. Quanto aos restantes sentidos, Henri de Lubac equaciona a alegoria com a fé, a tropologia com a mística e a anagogia com a escatologia. De salientar, também, as curiosas e ilustrativas fórmulas mnemónicas referidas por este autor como seja "Littera gesta docet, quid credas allegoria, / Moralis quid agas, quo tendas anagogia." (Intr., p. 23) ou "Dicitur historicus quem verba ipsa resignant, / Et allegoricus priscis qui ludit in umbris; / Moralis per quem vivendi norma tenetur, / Quid vero speres anagogicus altius offert." (Intr., p. 24). Para uma análise que equaciona os níveis de leitura com o imaginário semiótico da historiografia, ver Georges Martin, *Histoires de l'Espagne médiévale. Historiographie, geste, romancero*, Paris, Publication du Séminaire d'études médiévales hispaniques de l'Université de Paris XIII / Klincksieck, 1997 ("L'hiatus référentiel (une sémiotique fondamentale de la signification historique au Moyen Âge)", pp. 43-56). Ver, também, Martin Irvine, *The Making of Textual Culture. 'Grammatica' and Literary Theory 350-1100*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994 - em particular a Parte 6 (pp. 244-271) onde o autor acentua que os quatro sentidos constituem meras formas de classificar os significados e não diferentes níveis ou códigos. Distingue, então, o que considera serem os códigos operativos efectivamente usados na prática: história, alegoria e tipologia (pp. 259, 262 e 264).

por um lado, da "democratização" do uso destas ferramentas, que passaram a ser aplicadas a outras formas textuais, e que, pelo outro lado, se articulam com a progressiva aceitação e integração deste mesmo fundo cultural greco-latino¹⁰:

queremos uos contar aqui delias segund las cuentan los auctores delos gentiles, e desi diremos en cabo lo que quieren dezir, ca fallamos que tan bien dixieron los gentiles palabras e razones que dizen uno e dan al a entender, como lo fazen los nuestros Testamentos, el de la nueua ley e el dela uieia, que andudo siempre en figura, lo que non faze tanto el nueuo, que anda ya enel fecho dela cosa (GE: I, 155a-b)

Uma actuação também ilustrada pelo seguinte trecho:

non lo tenga ninguno por fabliella, por que es delas razones de Ouidio, ca el que las sus razones bien catare e las entendiere fallara que non ay fabliella ninguna, nin freyres predigadores e los menores que se trabaian de tornarlo en nuestra theologia non lo farien se assi fuesse, mas todo es dicho en figura e en semeiança de al (GE: I, 163a)

Estamos, pois, perante os métodos de leitura e de análise que, tendo as suas raízes na Antiguidade também constituem procedimentos característicos do período medieval. Com efeito, e, de acordo com Martin Irvine, a *Ars Grammatica* não se limitava ao estudo e ao ensino das regras para falar e escrever correctamente (*ratio bene scribendi et loquendi*), estendia-se à ciência da interpretação (*scientia interpretandi*), sendo esta última constituída pela *lectio* (a leitura e suas regras), pela *enarratio* (uma interpretação baseada na análise e identificação de figuras e em explicações sintácticas e semânticas), pela *emendatio* ("correção", com base em regras para o estabelecimento da autenticidade de um texto e para a

¹⁰ Afonso X assume aqui uma posição favorável à aceitação e integração do fundo greco-latino pagão por meio da exegese. Opõe-se assim a posturas mais estreitas de desconfiança relativamente à cultura sobrevivente da Antiguidade clássica e que defendiam a aplicação dos métodos exegéticos exclusivamente às Sagradas Escrituras. Sobre os métodos e as formas da leitura e interpretação no período medieval, ver James J. Murphy, *Rhetoric in the Middle Ages. A History of Rhetorical Theory from St. Augustine to the Renaissance*, Berkeley / Los Angeles / London, University of California Press, 1981 (particularmente o cap. II onde são referidos os primeiros passos do processo de convergência entre retórica e cristianismo). Ver ainda Rita Copeland, *Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages. Academic traditions and vernacular texts*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995; ou Suzanne Reynolds, *Medieval Reading. Grammar, Rhetoric and the Classical Text*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

rectificação de erros inerentes à sua transmissão) e, finalmente, pelo *iudicium* (ou seja, uma avaliação crítica do valor ético, poético e ideológico do texto). A *lectio* e a *enarratio* davam, frequentemente, origem a pequenas glosas interlineares ou marginais, podendo a *enarratio* alargá-lo um pouco até constituir um comentário mais corrido. Já o *iudicium* dava, inevitavelmente, origem a comentários extensos bem como ao *accessus*¹¹. No fundo, estamos perante os procedimentos que, a longo prazo, se foram autonomizando da obra que os suscitava, vindo a constituir os métodos de análise e de crítica que todos conhecemos¹².

O facto da leitura e da análise dos textos se basear nestes níveis e nestes procedimentos, razoavelmente definidos, absorvidos ao longo do processo educativo de cada um, leva a que um certo número de regras de decifração sejam aplicadas de uma forma quase mecânica e automática. Acresce ainda o facto destes mecanismos poderem ser aplicados seja a textos seja, inclusivamente, a qualquer aspecto ou fenómeno que se verifique, o que nos conduz ao velho lugar comum que consiste na imagem do Mundo como um livro aberto à espera de ser decifrado.

Sendo tudo interpretável, coloca-se, no entanto, a questão de saber se todas as interpretações serão válidas - e aqui, parece-nos que surge uma pista para entendermos um pouco melhor o paradoxo que anteriormente observámos, ou seja, a acentuação das dificuldades que povoam o caminho para o Saber a par de explicitações múltiplas, fornecidas em metatextos exegéticos.

É evidente que nem todas as interpretações são consideradas certas ou mesmo válidas, como sublinha o seguinte exemplo referido na *General Estória*:

Onde fallamos un exemplo desto en un libro que fue fecho en India, et a nombre Calida e Dina. Et diz que un rey de Persia que fallo en sus libros que auie montes en India en que nascien yeruas, que qui las cogiesse, e las maiasse, et sacasse el çumo delias, e untasse los muertos con el, que uiurien. Et quando el rey esto oyo plogol mucho, cuydando que assi era de lian en llano como los libros dizien; e llamo un so philo-

¹¹ Sobre este assunto ver a imprescindível obra de Martin Irvine, *The Making of Textual Culture. 'Grammatica' and Literary Theory 350-1100*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994. O modelo de *grammatica* que acabamos de descrever (e que vigorou desde cerca do ano 350 até cerca de 1100 / 1150) encontra-se esquematizado nas pp. 6 e 69.

¹² No âmbito desta questão, é interessante ver os artigos reunidos na publicação de Gisèle Mathieu-Castellani e Michel Plaisance (eds.). *Les commentaires et la naissance de la critique littéraire. France / Italie (XIVe-XVIe siècles)*, Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990.

sopho que dizien Barzeuay, e mandol que fuesse a India e que prouasse aquello, e diol grand auer e cartas para los reyes daquellas tierras quel dexassen andar por sus regnos et coger las yeruas que ouiesse mester. Et fue el sabio, e dio las cartas a los reyes, e aellos plogo les con ellas, e mandaron le guiar e guardar de todo estoruo por todas tierras. E el fue, e subió en los montes, e cogio las yeruas, assi como mandauan los sabios en aquel libro, e aduxo las al rey daquela tierra, e saco delias el çumo, e pusol sobre los muertos antel rey e non resuscito ninguno.

Quando el esto uio, touo que eran mintrosos los escriptos, e quiso se tornar alli sin todo recabdo. Essora los reyes daquellas tierras demandaron le por ques yua, e si fallara recabdo délo que demandara, o porque se yua assi. Et el conto les tod aquello que quisiera por lo que auie passado; et ell un rey daquellos, que era mas sabio quelos otros, dixol que lo tenie por marauilla del rey de Persia, que tan sabio uaron era, comol enuiara assi sobre aquella razón. Et tenie quel auie y enuiado como por escarnio dellos, o por que el non entendie los libros; et a esto respuo Berzeuay e dixo que el rey de Persia non fiziera esto por escarnio dellos, mas por que cuidaua que era uerdad lo que en los libros fallara escripto. Estonces respuo el rey: "Ell entendimiento délos libros tal deue seer como te yo agora departire: por los montes deuen se entender los sabios, ca assi como los montes son mas altos que todos los otros logares, assi son los sabios sobre todos los otros omnes en el entender. Et por lo que dize de India entiendese que al tiempo en que somos, que en esta tierra se uusca el saber delas naturas mas que en otra. Lo al que dize que coian las yeruas, e que las magen e saquen ende el çumo, esto se deue entender que coian e ayuntan las palabras e los entendimientos délos libros délos sabios, e quelas magen en sus coraçones estudiando por ellos et mostrando lo que quieren dezir; et aquell entendimiento que dellos sale es el çumo con que untan a los que non saben, que son tales como muertos, e salen daquela nesçiedad en que están, e son estonces tales como que resusçitassen de muert a uida". (GE: I, 197b-198a)

Portanto, a inépcia do intérprete mais incauto só poderá ser suplantada com ensinamentos sobre como interpretar correctamente, ensinamentos estes que se transmitem mais facilmente quando acompanhados de exemplos. De acordo com esta ordem de ideias, os textos que veiculam este tipo de "educação" (nomeadamente o discurso historiográfico que nos serve aqui de pretexto para esta reflexão) acentuam a sua "utilidade". Estamos, pois, perante a vontade de educar e de esclarecer o público pela transmissão de ensinamentos (*docere*) através de histórias agradáveis (*delectare*), um procedimento sugestivamente ilustrado pelo sobrinho de Afonso X, don Juan Manuel:

Por ende, yo, don Iohan, [...] fiz este libro conpuesto de las mas apuestas palabras que yo pude, et entre las palabras entremeti algunos exienplos

de que se poderian aprouechar los que los oyeren. Et esto fiz segund manera que fazen los físicos, que quando quieren fazer alguna melizina que aproueche al fígado, por razón que natural mente el fígado se paga de las cosas dulçes, mezclan con aquella melezina que quieren melezinar el fígado açúcar o miel o alguna cosa dulce; et por el pagamiento que el fígado a de la cosa dulce, en tirando la para sí, lieua con ella la melezina qual a de aprouechar. Et esso mismo fazen a qual quier miembro que aya mester alguna melezina, que sienpre la dan con alguna cosa que natural mente aquel miembro la aya de tirar a sí. Et a esta semeiança, con la merçed de Dios, sera fecho este libro, et los que lo leyeren si por su voluntad tomaren plazer de las cosas prouechosas que y fallaren, sera bien; et avn los que lo tan bien non entendieren, non podran escusar que, en leyendo el libro, por las palabras falagueras et apuestas que en el fallaran, que non ayan a leer las cosas aprouechosas que son y mezcladas, et avn que ellos non lo deseen, aprouecharse an dellas, asi commo el fígado et los otros miembros dichos se aprouechan de las melezinas que son mezcladas con las cosas de que ellos se pagan.¹³

Como também refere don Juan Manuel, diz-se que o saber deve estar protegido por altos muros¹⁴. No entanto, constatamos que a altura desses muros pode variar mediante os interesses subjacentes à divulgação da questão em causa, interesses estes que podem ser de variadíssimos tipos, podendo ir do mais genérico (por exemplo, o carácter didáctico) ao mais particular e mais pragmático, como é o caso do trecho que, na *Estória de Espanna*, explica um fenómeno com uma profecia cuja interpretação remete para as aspirações imperiais de Afonso X¹⁵.

¹³ Don Juan Manuel, "El conde Lucanor", José Manuel Cacho Blecua (ed.), *Obras Completas*, II, Madrid, Gredos, 1983, pp. 9-503 (p. 28).

¹⁴ "E por esta razón, los que fazen o mandan fazer algunos libros, mayor mente en romance, que es sennal que se fazen para los legos que non son muy letrados, non los deuen fazer de razones nin por palabras tan ssoitiles que los que las oyeren non las entiendan o por que tomen dubda en lo que oyen. E por ende, en el prologo deste libro que don Iohan, [...], mando fazer, non quiso poner i palabras nin razones muy sotiles; pero quiso que lo fuesen ya quanto por que, segunt dizen los sabios, quanto omne mas trabaja por aver la cosa, mas la terna despues que la há. E otrosy por que dizen quel saber deue ser cercado de tales muros que non puedan entrar alia los neçios." (CrAbr: 573). Sobre este trecho de don Juan Manuel, ver Manuel Alvar, "Alfonso X contemplado por don Juan Manuel", Carlos Alvar e José Manuel Lucía Megías (eds.), *La Literatura en la época de Sancho IV*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1996, pp. 91-106.

¹⁵ "Otrossi fallamos en las estórias que a aquella ora que Ihesu Cristo nascio, seyendo media noche, aparescio una nuue sobre Espanna que dio tamanna claridat et tan grand resplendor et tamanna calentura cuerno el sol en medio dia quando ua mas apoderado sobre la tierra. E departen sobresto los sabios et dizen que se entiende por aquello que, despues de Ihesu Cristo, uernie su mandadero a Espanna a predigar a los gentiles en la

Assim, aludir aos escolhos que preenchem o caminho do Saber torna-se, em parte, a mera máscara de um conhecimento que, de facto, se pretende revelar. Por isso, a alusão a obscuridades, dificuldades e complicações assume, até certo ponto, características de "figura" ou "flor de retórica". Com efeito, cabe aqui relembrar que nas Artes Poéticas medievais, entre as formas de *amplificatio*, referidas por Edmond Faral, surgem designações como *interpretatio* ou *expolitio*. Estes termos remetem, precisamente, para o procedimento que consiste na repetição de uma ideia, dita por outras palavras, e que se pode socorrer, nomeadamente, da etimologia ou do exemplo, entre outras possibilidades, o que implica já um razoável grau de interpretação¹⁶. Trata-se de figuras que, no fundo, *mutatis mutandis*, apontam para o mesmo leque de procedimentos que temos vindo aqui a observar.

A alusão à dificuldade revela-se, assim, como mais uma estratégia para chamar a atenção e prender o público, surgindo, regra geral, associada à apresentação de imagens e de narrativas de fenómenos ou de enigmas que depois se explicam, por vezes, de forma mais subtil, mas, mais frequentemente, de modo claro e evidente. O enigma torna-se, deste modo, uma forma privilegiada de valorizar o acto de decifração.

De facto, trata-se de um mecanismo rico de possibilidades. Por um lado, constitui uma estratégia excepcional para prender a atenção do público, não só pelo bizarro dos elementos "estranhos" que, frequentemente, irrompem mas também porque da sua presença se pode, na maior parte das vezes, depreender a eminência de uma revelação explicativa. Por outro lado, constitui, também, uma forma excelente de construção e de consolidação de Autoridade, dada a forma assertiva e segura como o hermeneuta fornece as explicações, conduzindo o público pelas interpretações que ele próprio escolhe fornecer-lhe.

ceguedat en que estauan, et que los alumbrarte con la fe de Cristo; et aqueste fue sant Paulo. Otros departen que en Espanna auie de nacer un princep cristiano que serie sennor de tod el mundo, et ualdrie mas por el tod el linage de los omnes, bien cuerno esclareció toda la tierra por la claridat daquella nuue en quanto ella duro." (PCG: I, 108b).

¹⁶ Estes procedimentos são referidos por Edmond Faral, *Les arts poétiques du XIe et du XIIIe siècle*, Paris / Genève, Champion / Slatkine, 1982, nomeadamente no cap. II ("De l'amplification et de l'abréviation"), pp. 61-85 (em particular pp. 63-67).